Revista do Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
e-ISSN 1983-201X
https://seer.ufrgs.br/anos90

DOSSIÊ: PRODUÇÕES HISTORIOGRÁFICAS E INTELECTUAIS SOBRE MULHERES E FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS

"*Cambiemos la Historia*": percursos sobre os estudos das mulheres e de gênero no Paraguai

"Cambiemos la Historia": Paths on Women's and Gender Studies in Paraguay

Tamy Amorim da Silva

Pós-Doutoranda (PDJ-CNPq) no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

RESUMO: Este artigo analisa a trajetória do campo de estudos sobre mulheres e gênero no Paraguai, com ênfase nas décadas de 1980 e 1990, quando emergiram o Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA) e a Área Mujer do Centro de Documentación y Estudios (CDE), que se consolidaram como espaços fundamentais para a pesquisa feminista no país. Por meio da análise de revistas e livros organizados por esses grupos, o texto explora como questionaram as narrativas históricas tradicionais ao produzirem investigações e publicações que tensionavam os silêncios da historiografia no país. A metodologia adotada combina a revisão bibliográfica, com ênfase na análise de publicações periódicas e documentos produzidos por essas organizações. Nesse percurso também são abordados os desafios enfrentados por essas iniciativas, como a falta de recursos financeiros e a resistência das universidades em incorporar pesquisas relacionadas ao estudo da história das mulheres. Apesar desses obstáculos, as produções do GEMPA e da Área Mujer deixaram um legado significativo, contribuindo para a construção de uma historiografia mais plural e inclusiva, que promove uma visão mais democrática da história ao destacar a participação de mulheres e homens em diferentes contextos.

PALAVRAS-CHAVES: História das Mulheres; Paraguai; Estudos de gênero; Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA); Área Mujer do Centro de Documentación y Estudios (CDE).

*E-mail: tamyamorim@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4009-987X

DOI: 10.22456/1983-201X.145960
Anos 90, Porto Alegre, v. 32 – e2025104 – 2025

Este é um artigo Open Access sob a licença CC BY

ABSTRACT: *This article examines the trajectory of the field of studies on women and gender in Paraguay, with a focus on the 1980s and 1990s, when the Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA) and the Área Mujer of the Centro de Documentación y Estudios (CDE) emerged, establishing themselves as fundamental spaces for feminist research in the country. Through the analysis of magazines and books organized by these groups, the text explores how they questioned traditional historical narratives by producing investigations and publications that confronted the silences in the country's historiography. The adopted methodology combines a literature review, with an emphasis on the analysis of periodical publications and documents produced by these organizations. Along this path, we also address the challenges faced by these initiatives, such as the lack of financial resources and the resistance of universities to incorporate research related to the study of women's history. Despite these obstacles, the productions of GEMPA and the Área Mujer left a significant legacy, contributing to the construction of a more plural and inclusive historiography, which promotes a more democratic vision of history by highlighting the participation of women and men in different contexts.*

KEYWORDS: *Women's History; Paraguay; Gender Studies; Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA); Área Mujer of the Centro de Documentación y Estudios (CDE).*

Introdução

"Y*a hace un tiempo que en Paraguay las mujeres hemos decidido romper nuestro pacto de silencio y empezar a decir nuestra palabra. La medida que avanzamos descubrimos que cada vez estamos menos solas* [...]" (Editorial, 1986, p. 5). Com essa declaração, as pesquisadoras do Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA) inauguravam o primeiro número de sua revista *Enfoques de Mujer*. As autoras destacavam a importância de romper com o silêncio histórico e de criar um espaço para expressar suas vozes e acompanhar o movimento de mulheres em seu país. O periódico emergiu como parte de um campo em ascensão, os estudos sobre mulheres e gênero, e seria um dos porta-vozes das mulheres paraguaias.

O título deste artigo refere-se a um trecho do livro *Women's History of the World* (1988), de Rosalind Miles, traduzido por Graziella Corvalán e publicado na revista *Enfoques de Mujer* em 1991. No periódico, a tradução foi exposta ao final da página sob o título *Las Primeras Mujeres* e informava que a "mulher", na estrutura das células humanas, "era o primeiro sexo", e o cromossomo X originava todas as informações genéticas que o bebê necessitaria na gestação, sendo o cromossomo Y um desvio, quase um erro genético (Enfoques de Mujer, 1991, p. 18).

Não trataremos aqui de discutir a questão biológica apresentada por Miles, mas sim a ideia contida em sua tradução, que estava presente nas produções feministas do período. *Cambiar la historia*, título da seção, desfazia a proposta de uma escrita em que as mulheres ficassem em segundo plano, destacando sua relevância, buscando verificar o que e como se escreveu sobre o trajeto humano no tempo. No Paraguai, essa perspectiva ganhou força a partir da década de 1980, com a produção de revistas e livros que levavam em consideração a história das mulheres com uma perspectiva de gênero.[1]

De forma semelhante, Michelle Perrot (1995), em texto sobre a experiência o campo de estudos na França, enfatizava que essa área representava uma novidade transformadora, "[...] vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade [...]" (Perrot, 1995, p. 9). Essa perspectiva questionava a ideia de uma história universal e neutra, ressaltando que a ciência e a escrita histórica são marcadas por gênero, raça e outros marcadores da diferença.

Ao estudar a história das mulheres é comum encontrar referências a autoras norte-americanas e francesas entre as décadas de 1960 e 1970, o que reflete uma narrativa hegemônica sobre o feminismo

(Hemings, 2009). Durante muito tempo essa narrativa sugeriu a existência de uma matriz global, a qual outros países seguiram seus passos. No entanto, nas últimas décadas houve uma mudança significativa na forma de escrever sobre os feminismos e sua história, com um olhar mais atento às particularidades regionais e locais, considerando os contextos específicos de cada país (Guzman Arroyo, 2019; Lugones, 2020).

Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, ao analisarem o panorama dos estudos sobre mulheres e gênero no Brasil, indicaram que, em seus primórdios, o foco era resgatar um passado de exclusão, e usavam as categorias "mulher", "mulheres" e "condição feminina" para abordar essa história esquecida ou silenciada (Soihet; Pedro, 2007, p. 281-282). As autoras ainda ressaltaram que, em meados da década de 1980, a categoria gênero era incipiente no país, e o texto de Joan Scott, "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" (1991), traduzido primeiramente pela ONG "SOS Corpo de Recife", representou um marco teórico para a inserção da categoria (Soihet; Pedro, 2007, p. 288-292).

Em um estudo comparado sobre os feminismos e seus escritos em países da América Latina, Joana Maria Pedro constatou que muitas vezes as categorias de análise foram inseridas quase simultaneamente nos trabalhos que buscavam desenvolver a história sob nova perspectiva (Pedro, 2011). No entanto, os estudos sobre mulheres nem sempre partiram da área da história; a sociologia e a antropologia tiveram um papel fundamental na renovação desse campo. Vale ressaltar que, de modo geral, a historiografia mostrou resistência em reconhecer suas próprias exclusões e em adotar uma postura crítica em relação a elas (Perrot, 1995, 2007; Pedro, 2011; Smith, 2003; Tilly, 2007).

Nesse período da década de 1980 percebemos que o "novo feminismo" – termo usado por estudiosas paraguaias – penetrou no país de forma lenta e gradual, muitas vezes impulsionado por redes informais de mulheres que se reuniam em espaços emprestados, como igrejas, ou por meio de programas de rádio como *Palabra de Mujer*, criado por Gloria Rubín. Outras influências vieram de mulheres exiladas que tiveram contato com grupos feministas em países como Argentina e Brasil, ou ainda da observação de dinâmicas do cotidiano que evidenciavam desigualdades de gênero.

Como observa a historiadora Joana Maria Pedro (2010, p. 133-134), o processo de tornar-se feminista no Cone Sul ocorreu de formas distintas, muitas vezes em um contexto de luta contra as ditaduras e em defesa dos direitos humanos. Espaços nos quais emergiam reflexões feministas, ainda que frequentemente vistas como divisoras de luta por setores da esquerda ou como imorais por grupos conservadores. Inspiradas pela crítica feminista, mudar a história é o que buscaram muitas investigadoras do país, produzindo os primeiros trabalhos que visualizavam as mulheres ignoradas pela historiografia e, ao salientar a necessidade de conhecê-las, para transformar a história em uma narrativa mais igualitária.

Este artigo propõe analisar o campo de estudos sobre mulheres no Paraguai, com foco nos núcleos de pesquisa e as produções que emergiram na década de 1980, principalmente a Área Mujer do Centro de Documentación y Estudios (CDE) e o GEMPA do Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES).[2] Além disso, procuramos apresentar um panorama da escrita sobre mulheres no país, o qual não tem pretensão de ser definitivo, pois ainda há muito a conhecer sobre o tema. Para alcançar tais objetivos, consideramos necessário contextualizar os espaços de produção intelectual no país até o momento em que esses estudos começaram a se consolidar como uma área autônoma – de discussão própria das mulheres e para mulheres. Nesse percurso, destacamos as palavras das estudiosas paraguaias em revistas e livros, observando como percebiam o avanço dessa área.

Essa abordagem compreende que o público brasileiro, até mesmo aqueles familiarizados com os estudos sobre mulheres e gênero, pouco conhece as produções realizadas no Paraguai. Além disso, são escassas as investigações sobre esse movimento de mulheres e os feminismos no Brasil (Silva, 2023; Freitas, 2015; Szwako, 2012). Na atualidade observamos interesse na temática a partir do Paraguai, geralmente em trabalhos isolados de pesquisadoras que atuam fora do âmbito universitário ou desvinculadas de grupos de investigações (Barreto Vallinoti, 2011; Duarte Sckell; Soto Vera; Taboada Goméz, 2024).

Esse cenário contrasta quando analisamos a constituição de um campo pujante de estudos sobre mulheres e gênero no país entre as décadas de 1980 e 1990. Esse campo foi impulsionado por redes de pesquisa e grupos de mulheres que, mesmo diante de adversidades provenientes de setores conservadores e de uma ditadura autoritária, produziram reflexões importantes que são referências para os trabalhos que buscam conhecer a temática.

História, locais de produção, feminismos e escritos sobre mulheres

No Paraguai as mulheres não foram excluídas da escrita da história, mas foram representadas de forma específica no século XX, especialmente aquelas associadas à Guerra contra a Tríplice Aliança (1865-1870). O papel destacado foi o de personagens patriotas e fiéis à nação, reconhecidas na historiografia principalmente como *residentas* e *reconstructoras*.[3] Outra figura, menos mencionada, mas igualmente relevante, é a das *destinadas.* Na construção das narrativas oficiais, as duas primeiras agiram de acordo com as normas de gênero, ao passo que a última, a depender da situação do conflito, poderia ser considerada como traidora e designada a campos de exploração de seus trabalhos (Rodríguez Alcalá, 1989).

Segundo a historiadora Bárbara Potthast, na narrativa heroica construída no pós-guerra, as mulheres raramente foram rememoradas como soldadas na linha de frente. Sobretudo no que diz respeito à subsistência alimentar das tropas durante o conflito, além de terem trabalhado como enfermeiras, lavadeiras, cozinheiras, entre outros serviços prestados (Potthast, 2006, p. 84-106; Alegre Benítez; Tudela Sancho, 2020). Essas figuras, que compõem a memória da guerra no país e são celebradas anualmente[4] permanecem muito presentes na historiografia. Nas últimas décadas, no entanto, o conflito tem sido estudado sob uma perspectiva problematizadora e crítica, distante da narrativa heroica nacionalista.[5]

Ao analisar os locais de produção cultural e de história no país, destacam-se duas associações que emergiram no período de pós-guerra: o Instituto Paraguayo (1865-1933) e o Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas (1937-1956), que se tornou Academia Paraguaya de la História em 1965. Essas organizações culturais privadas publicaram revistas e reuniram membros que nem sempre possuíam formação em história; muitos deles eram escritores, professores universitários ou políticos, e produziram tratados que se tornaram referência nos estudos de história do país (Brezzo, 2016). Cabe destacar também que a cátedra de História Diplomática foi criada em 1929 na Faculdade de Direito da Universidad Nacional de Asunción (UNA) e que somente em 1948 o curso de História foi fundado na Faculdade de Filosofia (UNA). Dessas entidades privadas mencionadas, não conhecemos a participação de mulheres – caso tenham feito parte desse cenário –, com exceção de María Concepción Leyes de Chaves, escritora que foi a primeira (1956) e, por muito tempo, a única associada no Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas (Brezzo, 2016, p. 305-306).

Apesar do cenário pouco receptivo às mulheres no universo intelectual da época, o pensamento feminista relacionado à educação e ao sufrágio circulava no início do século XX.[6] No entanto, foram os homens cultos que, segundo Bareiro, Soto e Monte (1993, p. 33), realizaram os primeiros registros sobre o movimento feminista nos jornais paraguaios. As autoras indicam que, em 1901, foi publicada uma série de artigos sobre o tema, inicialmente motivada pela "polêmica" exposição de um telegrama enviado ao Senado. O documento havia sido assinado por 36 mulheres consideradas damas da sociedade da região de Concepción, insatisfeitas com o senador eleito na época (Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 33-35). Esse fato gerou uma discussão acalorada nos periódicos, e essas mulheres de elite foram chamadas de "ridículas" por se colocarem em discussões políticas, consideradas como arena de domínio masculino (Martínez; Monte, 1999, p. 79-80).

Nesse ínterim, foram escritos alguns artigos informativos nos jornais tratando do feminismo sufragista na Europa e nos Estados Unidos, em que se destacava a questão do acesso ao voto e à educação para as mulheres, tópico que causou posicionamentos nem sempre favoráveis.

Nesse período, no âmbito do feminismo sufragista, ressaltamos a monografia intitulada *Humanismo*, de Serafina Dávalos, que, em 1907, defendeu o direito ao voto para as mulheres com o argumento de que a Constituição do país não possuía entraves para a participação política feminina (Dávalos, 1990, p. 49-52). Além disso, argumentava em prol do melhor acesso à educação e da profissionalização das mulheres. Em sua tese sustentava um pensamento positivista e estava centrada em explorar que a capacidade intelectual das mulheres era igual à dos homens, e que ser mãe e esposa e não era o único destino da mulher (Dávalos, 1990, p. 40-48 e 52-77). Ela foi a primeira advogada feminista do Paraguai, participou ativamente de organizações políticas da época e uma das oradoras no I Congresso Feminino Internacional de la República Argentina (1910).

Sobre a história de Serafina Dávalos, é necessário pontuar que ainda há muito a ser estudado acerca de sua rara trajetória. Somente décadas após sua morte e esquecimento (1957) é que seu trabalho foi retomado por movimentos de mulheres, as quais passaram a reivindicar sua figura e obra para como parte de suas lutas por direitos. Isso ocorreu em meio à emergência dos estudos sobre mulheres na década de 1980, quando investigadoras feministas começaram a divulgar sua trajetória silenciada, possivelmente em razão de seu relacionamento amoroso com Honória Ballirán (Dávalos, 1990; Barreto Valinotti, 2011; Velázquez Seiferheld, 2017). Outro trabalho de conclusão de curso na área de Direito e Ciências Sociais que aborda o tema do direito ao sufrágio foi o de Virginia Corvalán, *El feminismo la causa de la mujer Paraguaya*, defendido em 1925 no qual retoma as ideias de Dávalos acerca da igualdade civil e política para mulheres em relação aos homens (Barreto Valinotti, 2014, p. 39-58; Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 93-105).

Assim como em outros países da região, a escrita de mulheres também floresceu em periódicos no início do século XX, geralmente de duração curta e voltados para discussões das funções entendidas como femininas, acesso à educação e ao voto. No Paraguai, é possível encontrar reflexões sobre essas temáticas em jornais produzidos por mulheres, como *La Voz del Siglo*, de Ramona Ferreira (1902-1904), *Aspiración* (1936), produzido por Lelia Bogado, *Por la Mujer*, dirigido por María Casati. Décadas depois, emergiram periódicos provenientes de organizações políticas, como o *Correspondencia*, dirigido por Lorenza C. de Gaona e assinado pela Agrupación de Mujeres Febreristas, *Por La Mujer*, da La Unión Feminista do Paraguay e o *El feminista*, da Liga Pro Derecho de la Mujer (1953-1962). Sobre os títulos destacados, ainda não foram encontrados estudos aprofundados, temos apenas dados de sua existência e algumas reproduções no livro *Alquimistas: documentos para otra historia de las mujeres* (Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 409-520). Cabe pontuar que, durante o século XX, foram apresentados quatro projetos de sufrágio que foram rejeitados, e que apenas em 1961, foi aprovada a Lei nº 704 de *Derecho Político de la Mujer* (López Moreira; Bareiro; Soto, 2011).

Do espaço acadêmico é interessante pontuar a criação do Instituto Femenino de Investigaciones Históricas em 1966, organizado por egressas do curso de História da Universidade Católica (1961) (UCA) e da UNA. Com base nos trabalhos de Ana Barreto Valinotti, sabe-se que a "missão" do grupo era encontrar objetos e os documentos saqueados em meio à Guerra contra a Tríplice Aliança. E durante as comemorações do Centenário da "Epopéia Nacional" em 1970, realizaram um movimento de restituição do *Libro del Oro* (Barreto Valinotti, 2011, p. 360-361).[7] Entre suas atividades, o grupo publicou o *Anuario del Instituto Femenino de Investigaciones Historicas* (1970-1971), com artigos escritos por mulheres sobre a temática de paraguaias na história do país.

Dessa organização destaca-se a figura da historiadora Idália Flores de Zarza (1918-2009), que produziu diversos estudos sobre a história das mulheres, atuou como professora universitária até a década de 1990 e foi uma das promotoras do *Dia de la Mujer Paraguaya* (Silva, 2016, p. 121-132).[8]

Outros dois estudos pioneiros que abordaram a história das mulheres no país – e que merecem ser mencionados, embora ainda não realizavam uma crítica sobre a exclusão delas na história escrita – foram *La mujer paraguaya y su contribución a la Guerra Grande*, de Olinda Massare de Kostianovsky (1970), e *Residenta: una palabra exclusiva del léxico paraguayo* (1974), de Beatriz Rodríguez Alcalá (Duarte Sckell; Soto Vera; Taboada Goméz, 2023, p. 9).

Do exposto até o momento, destacamos que o campo das investigações históricas esteve por muito tempo influenciado por uma visão excludente, belicista e de caráter nacionalista, promovida por escritoras/es e por uma série de governos autoritários. Essas narrativas do passado deixaram marcas profundas na produção de conhecimento e limitaram a possibilidade de avanços científicos no país (Alegre Benítez; Tudela Sancho, 2020). Não entraremos a fundo nessa temática devido à proposta do artigo. Contudo, é importante realçar que a situação foi agravada pelo baixo incentivo das universidades, que pouco se desenvolveram no que diz respeito a criação de espaços de pesquisa (Telesca, 2015). Nesse contexto, as investigações na área das ciências humanas surgiram predominantemente em organizações privadas, diferente do que ocorreu em outros países da região. Sobre esse assunto, o historiador Tomás Sansón Corbo (2017, p. 69) argumenta que os circuitos de intercâmbio intelectual não tiveram impacto suficiente no Paraguai para desafiar os paradigmas revisionistas estabelecidos.

Investigação feminista como uma práxis para escrita da história

Apesar desse aspecto no campo da escrita da história oficial do país, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas, para além da ditadura stronista (1954-1989), por estratégias intelectuais e pela criação de redes de conhecimento. Em outro campo das ciências humanas, emergiu o CPES em 1964, e a *Revista Paraguaya de Estudios Sociológicos* (RPES-CEPS), que contou com o apoio da Fundação Ford, da CLACSO e da FLACSO, entre outros. Segundo Lorena Soler (2018), o CPES era um espaço restrito a um pequeno grupo de intelectuais, em sua maioria homens, e, por meio da RPES, diversos trabalhos foram traduzidos e publicados. Essas publicações e redes contrariam a ideia, muito arraigada no senso comum, de que não havia circulação intelectual no Paraguai. Mesmo diante das dificuldades impostas por uma ditadura conservadora[9] havia produção de livros e revistas, além da rede de pesquisadores que obtiveram bolsas para estudar fora do país, e a recepção de diversos intelectuais latino-americanos no contexto da rede FLACSO (Soler, 2018, p. 173-175).

A RPES, em seu início, não produzia muitos artigos com a temática sobre mulheres ou escritos por mulheres na década de 1960; segundo o levantamento realizado a partir da pesquisa de Lorena Soler (2018), foram menos de dez trabalhos (Silva, 2023, p.45-46). Porém, essa dinâmica se modificou na década de 1980, quando se observou a maior presença de artigos de autoria de mulheres. Entre os textos publicados, destacam-se os da socióloga argentina Elizabeth Jelin (1973 e 1977) e da chilena Julieta Kirkwood (1980 e 1981) na revista (Silva, 2023, p. 45-46), ambas reconhecidas por seus trabalhos no campo de estudos das mulheres. Segundo Lorena Soler (2018, p. 178), as pesquisas sobre mulheres na RPES estavam associadas a temas como família, migração, campesinato, demografia regional e desenvolvimento, oriundas principalmente das áreas da sociologia e da antropologia.[10]

De modo semelhante, mas analisando o panorama geral de publicações sobre mulheres e escrito por mulheres no país, Mirtha Rivarola (1989) ressaltou que os primeiros trabalhos acadêmicos nessa área datam da década de 1970, com um volume inicial de 15 estudos voltados, sobretudo, à participação feminina no mercado de trabalho. Na segunda metade da década, o número de publicações aumentou para 24 e, em meados dos anos 1980, alcançou 174 estudos. Durante esse período, o escopo temático se expandiu para incluir questões como violência contra mulheres, direitos reprodutivos, sexualidade, feminismos, democracia e gênero.

Esse aumento quantitativo pode refletir o maior ingresso de mulheres nas universidades, o crescente interesse pelas questões associadas aos feminismos e também uma transformação mais ampla no campo das ciências sociais paraguaias, impulsionada por redes regionais e internacionais, como a FLACSO e a CLACSO. No entanto, é fundamental destacar o contexto global da emergência dos estudos sobre história das mulheres e de gênero, os encontros promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), iniciados em 1975, e os Encontros Feministas Latino-Americanos e Caribenhos (EFLAC), desde 1981, que também promoveram mudanças perceptíveis no país.

A exemplo disso, na década de 1980, dentro da Universidad Católica de Asunción (UCA) foi organizado o primeiro grupo de estudos para tratar da temática da mulher Paraguaia. Criado por Olga Caballero Aquino e Marilyn Godoy Ziogras, o Centro Paraguayo de Estudios de la Mujer (CEPEM) foi vinculado à Facultad de Ciencias Jurídicas y Diplomáticas. Segundo informações da Revista *Informativo Mujer* (1989, p. 44, n. 5), o grupo estava orientado por objetivos associados à *II Conferência Mundial sobre a Mulher – Educação, Emprego e Saúde* (Encontro das Nações Unidas na Dinamarca, em 1980). Esse dado também é confirmado no relato de Carmen Echauri, que afirma: "*después de Copenhague empezamos a reunirnos a instâncias de Marilyn Godoy Ziogras y pensar dónde podríamos insertar un centro de estudios de la mujer*" (Echauri, 1992, p. 17). Com esse propósito, o grupo buscou "*investigar sobre la historia, las condiciones y las necesidades de la mujer paraguaya a fin de dar respuestas a interrogantes*" sobre as desigualdades (¿Qué & Donde? 1989, p. 44, n. 5). Além disso, desenvolveram pesquisas sobre as condições das mulheres nos presídios, e propuseram assistência legal e humanitária, organizaram seminários sobre violência e direito penal, e incorporaram o tema dos direitos das mulheres na disciplina do Direito da Família na mesma faculdade.[11]

Se o CEPEM tinha como principal característica atravessar a área do Direito, promovendo a discussão sobre a legislação e a mulher paraguaia, em 1985 foi criado o GEMPA dentro do CPES, que priorizava os estudos das mulheres nas ciências sociais. Este grupo foi pioneiro em promover estudos e publicações sobre mulheres no Paraguai, sendo responsável pela revista *Enfoques de Mujer*, produzida de 1986 a 1994. A revista desempenhou um papel crucial na difusão de ideias feministas, ao mesmo tempo em que conectava as discussões locais às redes regionais de produção intelectual.

Foi dentro desse grupo, organizado por Graziella Corvalán e Mirtha Rivarola, que se percebeu a iniciativa de trabalhos na área de estudo das mulheres com olhar feminista, ou seja, distante dos estudos que focavam naquelas personagens oficialmente recordadas. Sobre esse assunto, Graziella Corvalán informa: "[...] *Realmente, como éramos un grupo de profesionales de estudio y investigación, necesitábamos un medio para difundir los conocimientos encontrados y creamos la primera y única revista dedicada a la cuestión feminista*" (Corvalán, 2013, p. 50, grifos do autor). Além dessas duas pesquisadoras do CPES, outras acadêmicas da área da sociologia também se somaram ao GEMPA, como Laura Zarzas, María Eugenia Acre e María Liz Román, que publicaram diversos trabalhos na referida revista. Apesar de *Enfoques de Mujer* não ter sido o único periódico de divulgação feminista, ele foi o primeiro a se posicionar com um objetivo claro:

> En cuanto expresión de una praxis, la revista aspira ligar estrechamente la tarea de investigación con el compromiso feminista, es decir, acompañar un movimiento social cuya meta no es otra que encontrar cauces para posibilitar una sociedad en la cual las mujeres participen en sentido pleno y completo de la vida económica, social y política [...]. (Rivarola, D., 1986, p. 4).

Essas palavras abriram a primeira edição da *Enfoques de Mujer*, na apresentação de Domingo Rivarola, diretor do CPES, confirmando que o GEMPA fazia parte do centro de estudos sociológicos.

Por algum tempo, essa publicação foi o principal veículo de divulgação de informações sobre o movimento de mulheres no país (Echauri, 1992). Por meio dela, conseguimos acompanhar tanto a produção acadêmica das paraguaias sobre a temática quanto os eventos que ocorreram naqueles anos. Em seu primeiro editorial comentaram:

> [...] queremos que esta publicación represente la originalidad y seriedad del nuevo pensamiento sobre la mujer: los roles sociales basados en la diferenciación género-sexual, los ámbitos de participación de hombres y mujeres, los parámetros de sexualidad vigentes, la cultura que hemos heredado y vivimos, y, también, la que vamos creando. Pensamos que, a partir de este conocimiento, la mujer podrá tomar conciencia de sí misma, revalorizando su papel en la sociedad, identificando sus problemas y, por tanto, avanzando en sus soluciones. (Editorial, 1986, p. 5).

O que as organizadoras da revista estavam propondo era uma nova leitura analítica sobre o que era ser homem e mulher no Paraguai, destacando as distinções de sexo e gênero. De certa forma, a escrita das mulheres do GEMPA desafiou as narrativas oficiais dos trabalhos publicados até então, reivindicando que a cultura herdada era uma construção, a qual também poderia ser modificada à medida que a "mulher" tomasse consciência de si mesma. Para tanto, desenvolveram textos para explicitar o que era o feminismo, como ele foi recebido no país,[12] além de balanços sobre os avanços nos estudos sobre a "mulher" no Paraguai.

> Hasta el momento, el mayor espacio obtenido es en el periodismo local, específicamente en los diarios. Sin lugar a dudas, son los diarios y los Suplementos Femeninos de los mismos, los que están a la vanguardia en la difusión de las ideas feministas, aunque también es cierto que en mucho menor dosis que las ideas "femeninas". [...] En este sentido, creemos que el trabajo iniciado por el CEPEM con la publicación de los Derechos de la Mujer en uno de los matutinos locales es una tarea sumamente encomiable y necesaria. La importancia radica no solamente en la divulgación, sino también en el hecho de que se haga accesible la comprensión de los mismos. (Las feministas en paraguay, 1986, p. 19, n.1).

Nesse texto anônimo, "¿Las *feministas en el Paraguay: Cuánto hemos avanzado en el conocimiento de la Mujer?*" destacou-se o papel pioneiro do CEPEM e dos suplementos femininos nos jornais – embora estes, muitas vezes, divulgassem assuntos relacionados ao que era considerado feminino. Apesar da contribuição desses espaços, o GEMPA ressaltou que não bastava apenas apontar os problemas das mulheres, era fundamental: "*elaborar un proyecto político de la mujer en sus respectivos contextos: urbano, rural, popular, la mujer de clase media, etc.* [...]" (Las feministas en paraguay, 1986, p. 19, n. 1). Para isso, sugeriam que era necessário conhecer as mulheres, delimitando-as por seus contextos e classe, a fim de identificar as suas demandas. Pois, entendiam que, ao abordarem o tema da "mulher" – frequentemente do usado no singular –, não se incluíam todas as suas diferenças, o que era fulcral para a renovação dos estudos. Foi justamente o GEMPA implementou nas páginas da revista, ao publicar estudos sobre mulheres de setores populares, camponesas, trabalhadoras formais e informais, além de textos sobre AIDS, aborto e trabalho doméstico.

Outro tema abordado foi a análise dos estudos sobre a mulher no Paraguai e sua relação com outros países. Em um texto datado de 1992, Corvalán apresentou as seguintes reflexões:

> [...] Este breve repaso nos da la idea de dónde estamos en nuestro país con respecto a los estudios de la mujer en la actualidad. Evidentemente **no hemos seguido el mismo proceso que se ha dado en los países más adelantados,** que por su misma velocidad e intensidad, sería muy difícil que se prenda en nuestra sociedad y **mucho menos en una universidad tan estancada, pobre y deteriorada como la nuestra.** Reflexionar sobre la misma, no es aportar nada nuevo, ya sabemos muy bien sus causas y por lo tanto sus efectos. **Uno de ellos tiene que ver con la formación de recursos humanos para la investigación científica en** las ciencias sociales en general, y en los estudios de la mujer en particular [...]. **Con respecto a los logros, y obviamente fuera de la Universidad y dentro de las pocas ONG's** de investigación, ha habido algunos excelentes estudios sobre todo los aportes, tanto teórico metodológicos como de nuevos conocimientos de la realidad de la mujer perteneciente al sector popular urbano y al sector informal del mercado de trabajo, así como los estudios socio-demográficos **per se.** Aunque algunos de éstos, evidentemente fueron más que nada análisis censales y **surveys,** sin que primara en ellos la óptica de género fundamentalmente, con un par de excepciones. **La cuestión más grave sigue siendo la creciente falta de recambio de los recursos humanos para la investigación** y, por ser consecuente, los estudios de la mujer nos siguen el mismo desarrollo del activismo político en nuestro país. Un vacío preocupante tiene que ver con la evolución y algunas temáticas que ni tan siquiera ha sido llevadas a reflexión: aborto, sexualidad, etc. La pregunta que nos hacemos es: ¿cuál será la tendencia de los estudios de la mujer en nuestro país, considerando la disminución de los recursos provenientes del exterior para los mismos y la creciente estagnación en la formación de investigadores? No tenemos la respuesta todavía, solamente esperamos que no sea una moda pasajera, primando el **'vedetismo intelectual',** ni tampoco un oportunismo político y búsqueda de recursos para el financiamiento de los mismos. [...]. (Corvalán, 1992, p. 2-4, n. 22, destaque da autora).

No texto "*¿Qué está pasando con los estudios del feminismo?*", Corvalán pondera sobre o campo de estudos no Norte da América que, em sua análise, distanciava-se do feminismo. Segundo a autora, muitas pesquisadoras modificaram a linguagem e adaptaram os termos para evitar a rotulagem de militantes. Em contrapartida, ao examinar a realidade de seu país, Corvalán apresenta um panorama distinto: as investigações não eram realizadas nas universidades, havia carência de financiamento para a temática e, por conseguinte, formação de recursos humanos. Além disso, sem a renovação geracional de pesquisadoras/es, os estudos continuariam centralizados nos mesmos espaços. Outro ponto relevante é que temas caros ao feminismo, como aborto e sexualidade, apesar de explorados nas revistas feministas, não eram amplamente debatidos, ou melhor, eram restringidos por setores políticos e conservadores.

Na década de 1980, o CPES-GEMPA publicou algumas obras relevantes, para além das revistas, como o livro *Los movimientos sociales en el Paraguay* (1986), que inclui um capítulo sobre *La acción colectiva de las mujeres urbanas en el Paraguay.* Outra produção significativa, com o foco específico na temática, é *Entre el silencio y la voz. Mujeres: actoras y autoras de una sociedad en cambio*, organizado por Graziella Corvalán (1989) – destacado pela autora em artigo citado (Corvalán, 1992, p. 2, n. 22), como um dos logros dos estudos sobre mulheres em seu país. O GEMPA destacou-se na organização de seminários, produção de artigos, divulgação de eventos, tradução de textos sobre feminismos e resenhas de livros. As pesquisadoras do grupo também colaboraram com trabalhos de outras organizações não governamentais dedicadas aos estudos sobre mulheres. O grupo manteve suas atividades de pesquisa mesmo após o encerramento da revista em 1994, mas não há registros sobre a data exata do término oficial de suas atividades.

No percurso dos estudos sobre mulheres no país, outra instituição que se destacou por sua produção intelectual é o CDE-Área Mujer, criado em 1989. Esse centro tornou-se referência na produção e organização de materiais sobre história das mulheres e estudos de gênero. Assim como o GEMPA,

a Área Mujer foi formada como um setor dentro de uma organização já existente, o CDE (1985). De acordo com suas integrantes, a formação da área foi viabilizada pelo apoio de companheiros da instituição, atentos para a possibilidade de postular um projeto sobre a temática e receberem financiamento externo – inicialmente da Helvetas, da Suíça, e, posteriormente, de outras agências que colaboraram com o CDE ao longo dos anos (Anuario Mujer, 1998, 2000, p. 5). Outro aspecto ressaltado pela Área Mujer é que o grupo e suas revistas foram instituídos a partir de suas vivências: "*en grupo de mujeres, hemos sentido que una carencia importante era la falta de informaciones sistematizadas sobre nuestra condición y nuestros problemas específicos*" (Informativo Mujer, 1989, n. 0).

Na formação inicial do grupo, em 1988, havia quatro integrantes associadas às produções impressas e ligadas ao CDE-Área Mujer: Celeste (Tete) Meza, Norma Ubaldi, Margarita Elías e Line Bareiro. Todas possuíam formação acadêmica, mas em áreas distintas, compondo uma equipe transdisciplinar. Esse núcleo foi responsável pela criação de publicações periódicas importantes, como o *Informativo Mujer* e o *Anuario Mujer*, que abordavam temas associados às mulheres paraguaias e ofereciam um amplo panorama das questões sociais e políticas que permeavam o cotidiano no país. Essas revistas tiveram uma trajetória longa, com mais de 10 anos de duração. Por meio de sua leitura é possível compreender que, durante a década de 1990, as mulheres no Paraguai promoveram diversas ações, participaram de eventos, debateram com o Estado e, em conjunto com outras ONGs, conseguiram aprovar a reforma parcial do código civil (de 1985) e a criação da Secretaria de la Mujer (1992).

Na Área Mujer também se produziram diversos livros sobre a história das mulheres, dos quais citamos a primeira publicação do núcleo, a reprodução da monografia de Serafina Dávalos, intitulada "*Humanismo*" (1990, reeditado em 2007). O prólogo foi escrito por várias companheiras da Área Mujer e dividido em três partes que tratavam de apresentar quem foi a Serafina e situar as suas ideias, dado que, apesar de sua importância histórica, era quase uma desconhecida entre os movimentos de mulheres. Além desse, publicaram outras obras, como: *Vida de la mujer artesana* (1992), de Ramona Sanchez; *Hacia una presencia diferente: mujeres, organización y feminismo*, escrito por Carmen Echauri; *Alquimistas: documentos para otra historia de las mujeres* (1993), organizado por Clyde Soto, Mary Monte e Line Bareiro; *Ciudadanas: una memoria inconstante* (1997), organizado por Line Bareiro e Clyde Soto; *Campesinas frente a la pobreza: condiciones de vida de las famílias organizadas de la Cordillera*, de Line Bareiro e Celsa Veiga (1994), e, por último, *Dios proteja destino pátria: las concepcioneras*, de 1901, escrito por Ofélia Martínez e Mary Monte (1999).

Muitas dessas publicações não foram escritas por historiadoras, mas por pesquisadoras de outras áreas; entretanto, compartilhavam o desejo de trazer à tona outras histórias de mulheres e homens. O foco principal esteve na problematização da presença e da atuação das mulheres em organizações políticas, educativas e de formação profissional, além de destacarem personagens menos conhecidas. Essas obras também frisavam os debates por direitos civis e políticos, temas que receberam pouca atenção na historiografia do país. Em um dos livros que se destacou por sua busca por informações sobre a história das mulheres – incluindo a exibição de documentos anexos à obra – afirmaram:

> Desde hace casi dos décadas se han sucedido los esfuerzos por recuperar la que era casi inexistente como historia escrita, la del siglo XX [...] Pero pese a todo el valor de sus trabajos, en ellos no era visible la participación de las mujeres. La historia más olvidada de todas, es de las luchas contra la discriminación de género y la contribución femenina para la democratización del Paraguay. Recién con el surgimiento de grupos de mujeres en la década de los años ochenta, se comienza a tener pistas de que las mujeres no solamente sirvieron a los demás – tal como lo hicieron mayoritariamente – sino que también pensaron, escribieron, propusieron y lucharon. (Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 14).

Uma marca do propósito do CDE, ainda na atualidade, é o compromisso com investigações e debates que visam uma sociedade mais democrática e igualitária. Em consonância com essa proposta, organizou-se o livro *Alquimistas*, voltado para repensar o século XX e personagens com pensamento e posicionamento diversos dos encontrados habitualmente nos livros de história. Levando em conta o período vivido sob governos de cunho autoritário, as autoras identificaram momentos emblemáticos – 1936, com a ascensão dos militares; 1947, marcado por uma guerra civil; e, a partir de 1954, o início do regime de Alfredo Stroessner –, os quais configuraram a "proibição da verdade" (Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 13), centrados em difundir figuras de homens heroicos e mulheres submissas.

Nesse sentido, acerca do trabalho realizado no livro, as autoras afirmaram: "*nosotras no estamos solas. En realidad, no hacemos otra cosa que inscribirnos tardíamente en la vigorosa corriente historiográfica feminista. Partiendo de cuestionar el silencio sobre su género* [...]" (Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 17). Assim, levando em consideração os propósitos do CDE e a trajetória da teoria feminista do período, evidenciaram a necessidade de investigar e publicar textos que problematizassem às experiências historicamente silenciadas.[13]

Anos após a publicação dessa obra, a Área Mujer lançou, em 1997, o livro *Ciudadanas: una memoria inconstante*, resultado do encontro *Recuperando a las Serafinas de la América Latina* em 1993, realizado pelo CDE, com o apoio do Centro Internacional Olof Palme (Suécia) em Assunção. A proposta do encontro consistia em reunir investigadoras que compartilhassem estudos em história das mulheres a partir de una perspectiva feminista. O evento contou com estudiosas da Argentina, Brasil, Chile, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai, e o debate centrou-se em discutir a participação pública das mulheres na primeira metade do século XX (Bareiro; Soto, 1997, p. 7).[14]

Na introdução do livro, as autoras relatam as aprendizagens decorrentes dos três dias de evento e destacam que, embora existissem estudos e encontros sobre o tema em cada país, ainda não havia ocorrido um encontro latino-americano sobre história das mulheres – informando que esse possivelmente seria o primeiro. Ao comparar a situação das pesquisadoras paraguaias com a de outros países, mencionaram que, no Chile, Peru e Uruguai, "*hay una historia oficial muy elaborada y lo que no existe es la historia de las mujeres, de manera que hay que hacerla*" (Bareiro; Soto, 1997, 1997, p. 9). Enquanto no Paraguai e no Panamá careciam de "*una historia oficial relativamente completa y de buen nivel*". Ao questionarem "*dónde insertar la história de las mujeres*?" (Bareiro; Soto, 1997, p. 9) responderam: "[...] *resulta claro que se debe tratar de hacer una historia general con perspectiva de género, narrando los aportes, las formas de dominación, la vida en general de hombres y mujeres de todas las razas, etnias y clases sociales*" (Bareiro; Soto, 1997, p. 10). Dessa forma, tornava-se evidente para elas a legitimidade de construir a história das mulheres, pois faziam parte da história geral e deveriam ser incluídas como parte dela.

Apesar de ser necessário promover encontros desse porte, as autoras informaram que não realizaram um novo evento. Sobre esse fato, enfatizaram o apoio da editora Nueva Sociedad para a publicação da obra e refletiram: "*nadie duda de la importancia de la historia, tampoco es prioridad para quienes tienen la posibilidad de financiar investigaciones y encuentros*" (Bareiro; Soto, 1997, p. 16). Evidenciando o baixo valor atribuído a eventos nessa temática. Para finalizar, autoras também ponderaram sobre as condições de cada país no que corresponde à produção de estudos sobre história das mulheres, ressaltando que o cenário das universidades no México, na Argentina e no Brasil eram exceções, já que funcionavam como espaços de divulgação de conhecimento, enquanto em geral "*las investigaciones se realizan a pulmón o con los escasos recursos humanos, infraestructurales y financeiros de las ONG de mujeres*" (Bareiro; Soto, 1997, p. 17).

No mesmo ano de publicação do livro, encontrei indícios de que planejavam criar na UNA o Centro de Investigación de la Mujer, conforme anunciado na revista *Informativo Mujer* (Panorama, 1997, p. 10) e na Revista *Construyendo la igualdad* da Secretaria de las Mujeres (1997, p. 14).

No entanto, um ano depois, foi informado que não havia recursos financeiros para viabilizarem o projeto, o que reforça a avaliação das autoras sobre os desafios dos estudos sobre mulheres no país, especialmente no âmbito universitário (Importante iniciativa no tiene presupuesto, 1998, p. 18). Anos após essa notícia, foi implementado na UNA um programa de mestrado em gênero, que funcionou entre os anos de 2000-2006 (Elias, 2015, p. 46). Com isso, não pretendemos sugerir que essas tenham sido as únicas tentativas de consolidar o campo nas universidades, mas, dentro do escopo das fontes analisadas, esses foram os dados encontrados. Atualmente, na graduação de História na UNA, é oferecido o seminário de História de Gênero no quarto ano do curso.

Em 1999, em outra obra, *Dios proteja pátria*, que aborda o caso as mulheres da elite da cidade de Concepción, que causaram polêmica ao se posicionarem politicamente em 1901, as autoras refletiram sobre as pesquisas apresentadas no livro e sobre as investigações da Área Mujer, indicando que:

> [...] nosotras sentimos que les aportamos con instrumentos teóricos y metodológicos para analizar la historia con perspectiva de género, en este caso, con la perspectiva de las mujeres [...] En realidad tenemos varios proyectos en carpeta, conocemos datos interesantísimos de otras mujeres cuyos nombres, vidas, acciones y conflictos deberían formar parte de los debates sobre historia política del Paraguay. (Martínez, Monte, 1999, p. 11).

Nas primeiras páginas de introdução, Ofélia Martínez e Mary Monte destacaram que essa obra era resultado do grupo de História de las Mujeres do CDE, que se reunia havia seis anos e possuía outros projetos em andamento, esperando publicá-los em breve, o que não ocorreu. O grupo foi dissolvido, mas retomou as atividades em 2017, sob o nome de Grupo de Historia Feminista (López Moreira, 2023, p. 9). Em 2023, foi publicado do livro da historiadora Mary Monte, intitulado *Mujeres del XIX*, que examina os processos da independência no país, estendendo-se ao período do pós-guerra contra a Tríplice Aliança, com o objetivo de analisar a participação ativa das mulheres nessa trajetória histórica.

Para concluir esse percurso sobre as publicações e espaços de pesquisa no Paraguai no campo de estudo das mulheres, é relevante destacar que, desde meados de 1990, muitas ONGs deixaram de receber apoio financeiro e encerraram suas atividades,[15] o que provavelmente impactou os projetos relacionados à história das mulheres do CDE. No início dos anos 2000, as publicações dessa área de investigação diminuíram significativamente, mas esse cenário vem sendo retomado, com pesquisas de autoras/es como Ana Barreto Vallinoti, David Velázquez Seiferheld, além de nomes já consolidados associados ao CDE. Cabe ainda mencionar a criação da Asociación de investigadoras Feministas del Paraguay (APY), que organizou o I Colóquio de investigadoras feministas (2024) e os dois volumes da obra *Más que Gloriosas – una historia de las mujeres en Paraguay*, publicados em 2023, os quais oferecem novos olhares sobre história das mulheres com perspectiva de gênero.

Considerações finais

Este artigo buscou traçar um panorama dos estudos sobre mulheres no Paraguai, destacando os espaços de produção intelectual, as publicações e os desafios enfrentados por pesquisadoras e grupos dedicados a essa temática. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, iniciativas como o GEMPA e o CDE-Área Mujer emergiram como setores fundamentais na construção de um campo de investigação crítico, que questionou as narrativas históricas tradicionais e trouxe à tona as experiências e contribuições das mulheres paraguaias. Esses grupos não apenas problematizaram representações de gênero enraizadas na historiografia nacional, mas também abriram caminho para a discussão de temas como direitos civis, participação política e desigualdades sociais.

A importância desses estudos reside não apenas na exposição de histórias apagadas, mas também na sua capacidade de desafiar estruturas patriarcais e promover uma visão mais inclusiva e democrática da história. Ao destacar a presença e a atuação das mulheres em diferentes contextos históricos, as pesquisadoras paraguaias demonstraram que a história das mulheres não é um apêndice da história geral, mas uma parte integrante e essencial dela. Além disso, a produção de obras que questionavam estereótipos e ampliavam o entendimento sobre o passado evidenciou o potencial transformador da escrita feminista.

No entanto, como apontado ao longo do texto, esse campo de estudos enfrentou (e ainda enfrenta) desafios significativos. A falta de recursos financeiros, a resistência das universidades em incorporar essas temáticas e o esvaziamento de ONGs dedicadas à pesquisa sobre mulheres limitaram a continuidade de muitos projetos. Apesar disso, é notável que, mesmo em condições adversas, as pesquisadoras paraguaias tenham conseguido produzir trabalhos de grande relevância, frequentemente forma independente ou com apoio de redes internacionais.

Mesmo enfrentando setores conservadores, é fundamental que os estudos sobre mulheres e gênero no Paraguai continuem a se desenvolver, tanto no âmbito acadêmico quanto em espaços não institucionalizados. A retomada de grupos de pesquisa e a criação de novas iniciativas são sinais promissores de que o campo está se revitalizando. Além disso, a publicação de obras recentes demonstra que há interesse na exploração de novas perspectivas e abordagens, o que reforça a necessidade de investimento e apoio contínuo a essas investigações.

Para finalizar, os estudos do GEMPA e da Área Mujer, no campo da história das mulheres e dos estudos de gênero, ao questionarem as narrativas hegemônicas e produzirem investigações feministas, contribuíram para a construção de uma história mais plural e justa. Seu legado nos recorda que a história não é um campo neutro, mas um espaço em que as lutas por igualdade e reconhecimento estão em disputa e podem ser ressignificadas.

Referências

ALEGRE BENÍTEZ, Caroline; TUDELA SANCHO, Antonio. Género y nacionalismo en la educación paraguaya: las mujeres en la historiografía escolar de la Guerra de la Triple Alianza. *Dialogos*, v. 24, n. 3, p. 221-241, 2020. Disponível em https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56748. Acesso em: 10 jan. 2025.

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/9Y7dMKrDrFSGDyCJLW45Gpw/abstract/?lang=pt. Acesso em 14 jan 2025.

Anuario Mujer 1998. Assunção: CDE-Área Mujer, 2000.

ARDITI, Benjamin. *Adios a Stroessner:* la reconstrucción política del Paraguay. Asunción: CDE, RP ediciones, 1992.

BAREIRO, Line; SOTO, Clyde; MONTE, Mary. *Alquimistas-* documentos para otra historia de las mujeres. Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai, 1993.

BARRETO VALINOTTI, Ana Virginia Corvalán. Lucha por los derechos de las mujeres. *In*: BARRETO VALINOTTI, Ana Virginia Corvalán. *Pensamiento Crítico en el Paraguay.* Assunção: BASE, Fundación Rosa Luxemburgo, 2014. p. 39-58.

BARRETO VALINOTTI, Ana. *Las Mujeres.* Assunção: El lector, 2013.

BARRETO VALINOTTI, Ana Barreto. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Assunção: Ateneo Cultural Lidia Guanes, SERVILIBRO, Secretaria de la Mujer, 2011.

ABENTE BRUN, Diego. *El régimen Stronista*: Naturaleza, sustento y longevidad. Colección 60 años del Stronismo, n. 3, Assunção: El Lector, Abc Color, 2014.

BREZZO, Liliana M. Institucionalizar la escritura del pasado. La Academia Paraguaya de la Historia (1937-1965). *Anuario de Estudios Americanos*. am., 73, n. 1, p. 291-317 enero-junio, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.3989/aeamer.2016.1.10.

CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y ESTUDOS DE LA MUJER. *Construyendo la igualdad*. Assunção: Secretaria de la Mujer, n. 7, 1997.

CORVALÁN, Graziella. ¿Qué esta pasando con los estudios del feminismo? *Enfoques de Mujer*, a. 7, n. 22, 1992.

CORVALÁN, Graziella. La primera mujer. *Enfoques de Mujer*, n. 19, p. 18, 1991.

DÁVALOS, Serafina. *Humanismo-* Serafina: Feminista paraguaya desde comienzos de siglo. Assunção: CDE, RP ediciones, 1990.

DUARTE SCKELL, Jazmín; SOTO VERA, Anahí; TABOADA GÓMEZ, Victoria (coord.). *Más que Gloriosas-* una historia de las mujeres en Paraguay. Assunção: La Mancha, 2023.

ECHAURI, Carmen. *Hacia una presencia diferente:* mujeres, organización y feminismo. Assunção: CDE, 1992.

ECHAURI, Carmen; SOTO, Clyde; TORRES, Veronica. Diagnostico de las organizaciones no gubernamentales, centros académicos, organizaciones de mujeres y su papel en la promoción de la participación de la mujer en la sociedad. *Taller Mejoramiento del Marco Legal e Institucional para la Incorporación de la Mujer al Desarrollo en Países Seleccionados en América Latina*. Assunção, Paraguai. ONU, CEPAL, 1991.

EDITORIAL. *Enfoques de Mujer*. Assunção: GEMPA, n. 1, p. 5, 1986.

2 ENCUENTRO Nacional de Mujeres. *Enfoques de Mujer*, a. 3, n. 8, p. 37, 1988.

FAYOLLE, Caroline. Des corps monstres. Historique du stigmate féministe, *GLAD!* [online], jun. 2018. Disponível em: https://journals.openedition.org/glad/1034. Acesso em: 18 ago. 2024.

FREITAS, Larissa Viegas de Mello. *O feminismo que veio do campo*: movimentos de mulheres e trajetórias de identificação (Brasil e Paraguai, 1985-2010). 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2015.

GUSMÁN ARROYO, Adriana. *Descolonizar la Memoria, Descolonizar los Feminismos***.** Segunda edición. La Paz – Bolivia: Tarpuna Muya, 2019, p. 5-35. Disponível em: https://www.biodiversidadla.org/Documentos/Descolonizar-la-memoria-descolonizar-los-feminismos. Acesso em 15 jan. 2025.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 216, jan. 2009. ISSN 1806-9584. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100012. Acesso em 09 jan. 2025.

IMPORTANTE INICIATIVA NO TIENE PRESUPUESTO. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, n. 110, 1998.

LAS FEMINISTAS EN EL PARAGUAY: ¿cuánto hemos avanzado en el conocimiento de la mujer? *Enfoques de Mujer*, n. 1, p. 19, 1986.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). *Pensamento feminista hoje:* perspectivas decoloniais. 2020, p. 53-83. Disponível em https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Maria-Lugones-Colonialidade-e-genero.pdf Acesso em 17 ja. 2025

MARTÍNEZ, Ofélia; MONTE, Mary. "*Dios proteja destino pátria*": las concepcioneras de 1901. Assunção: CDE, 1999.

LÓPEZ MOREIRA, Mary Monte. *Mujeres del XIX*. Assunção: CDE, 2023.

LÓPEZ MOREIRA, Mary Monte. Cronología de acontecimientos en la lucha por los derechos políticos de las mujeres en Paraguay. *In*: MOREIRA, Mary Monte de López; BAREIRO, Line, SOTO, Clyde. *Al fin ciudadanas (1961-2011)* - 50 años de derechos políticos de las mujeres en Paraguay. Assunção: Centro de Documentación y Estudios, 2011.

PANORAMA. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, a. 9, n. 101, 1997.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jun. 2011.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas do feminismo em países do Cone Sul (1960-1989). *In:* PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1994. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733. Acesso em 16 jan. 2025.

POTTHAST, Bárbara. Algo más que heroínas. As diferentes funções e memórias da guerra da Tríplice Aliança. *Diálogos,* Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. 10, n. 1, 2006.

RIVAROLA, Mirtha. La mujer como objeto y sujeito de estúdios em las Ciencias Sociales en el Paraguay. *In*: CORVALÁN, Graziella (comp.). *Entre el silencio y la voz. Mujeres:* actoras y autoras de una sociedade en cambio. Assunção, Paraguay: Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaia, 1989.

RIVAROLA, Domingo *et al*. *Los movimentos sociales en el Paraguay*. Assunção: Paraguai: Centro Paraguayo de Estudios Sociologicos, 1986.

RIVAROLA, Domingo. Presentación. *Enfoques de Mujer*. Assunção: GEMPA , n. 1, p. 5, 1986.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, José (comp.). *Residentas, reconstructoras y traidoras*: testimonio de mujeres de la triple alianza. Asunción: El Lector, 1989.

VELÁZQUEZ SEIFERHELD, David. *A la mujer Paraguaya*: un recorrido por las ideas de Serafina Davalos (1901-1910). Assunção: Editorial Tiempo y História, 2017.

SANSÓN CORBO, Tomás. El campo historiográfico en Paraguay en la primera mitad del siglo XX: condicionamientos y monopolio interpretativo. *Historiografias*, 13, 2017, p. 59-60. Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6094974. Acesso em 13 ago. 2025

SILVA, Tamy Amorim da. *Decir nuestra palabra:* discursos feministas no Paraguai (1986-2004). 2023. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

SILVA, Tamy Amorim da. *Memórias sobre uma dama valente:* Carmen de Lara Castro e a ditadura stronista (1967-1989). 2016. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2016.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e História*: homens, mulheres e a prática histórica. São Paulo: Edusc, 2003.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000200015. Acesso em 10 jan. 2025.

SOLER, Lorena. *Los oficios del sociólogo en Paraguay (1950-1980).* Asunción: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) y el Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES), 2018.

SOLER, Lorena. *Paraguay:* la larga invención del golpe. Assunção: Arandurã, 2014.

SZWAKO, José Eduardo León. *'Del otro lado de la vereda':* luta feminista e construção democrática no Paraguai pós-ditatorial. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: São Paulo, 2012.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 28-62, jan. 2007. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722. Acesso em 10 jan. 2025.

Notas finais

[1] Cabe destacar que muitas vezes a categoria gênero foi usada nas revistas para destacar os estudos sobre mulheres, sem, contudo, realizar uma análise relacional. Essa constatação foi percebida durante minha pesquisa doutoral; para mais detalhes, ver Silva (2023).

[2] Neste artigo não farei um estudo dos primórdios dessas organizações e suas relações com o Estado, pois tal análise exigiria aprofundar questões relativas às ONGs e suas narrativas de emergência. Como estamos tratando dos discursos sobre o campo de estudos e suas produções em um longo período de tempo, essa discussão fugiria do propósito do trabalho. Tal reflexão ficará para estudos futuros, mas pode ser encontrada em minha tese de doutorado (Silva, 2023), na qual analiso as trajetórias do GEMPA e do CDE-Área Mujer (Silva, 2023).

[3] Da conjuntura da guerra criaram-se arquétipos de mulheres que se plasmaram a memória coletiva do país. A figura da *residenta* "está basada en la asignación histórica de roles de la mujer a la que se suman los rasgos militares" (Barreto Valinotti, 2013, p. 29-30) e pode ser entendida como parte da força laboral agrícola. A *reconstructora* está vinculada ao coletivo de mulheres que, com o fim da guerra, teriam auxiliado na reorganização da nação. Ao passo que as "*destinadas*, *designadas estrangeras*, *traidoras*" foram as mulheres sentenciadas ao trabalho forçado em acampamentos por tribunais de guerra. Em outras narrativas é possível encontrar funções diferentes para essas nomenclaturas. Para saber mais sobre o assunto indicamos o trabalho da historiadora Ana Barreto Valinotti (2013).

[4] A cada ano comemora-se, em 24 de fevereiro, o Dia da mulher Paraguaia, em homenagem às mulheres no contexto do conflito bélico. Além disso, existem ruas com o nome *residenta*, praças, placa de destacamento no Panteón Nacional de los Héroes (localizada em Assunção) e muitos artigos sobre a temática explorados anualmente. Tais informações podem ser verificadas facilmente em um buscador na web.

[5] É importante reforçar que há muitos relatos de cronistas sobre essas mulheres sobreviventes da guerra, mas estes não foram incorporados ao texto, pois o foco recai sobre a escrita por paraguaios/as. Sobre essa discussão, ver Potthast (2013) e Rodríguez Alcalá (1989). Historicamente, essas representações sobre as mulheres foram utilizadas nos discursos e ações de governos tanto do Partido Liberal quanto do Partido Colorado, sendo esses os principais partidos e que por mais tempo estiveram no comando do país (Capdevilla, 2006, p. 76-84; Silva, 2016, Alegre Benítez; Tudela Sancho, 2020). Ressalta-se, ainda, que esse conflito não foi o único a mobilizar intelectuais: o país enfrentou outras duas guerras no século XX – a do Chaco, contra Bolívia (1932-1935), e a Guerra Civil de 1947, motivada por setores de oposição ao Partido Colorado –, ambas tiveram impacto nos escritos e nas instituições do país.

[6] Entre as décadas de 1920 e 1960 surgiram diversas organizações de mulheres. Embora não haja uma lista definitiva, destacamos algumas criadas em áreas urbanas do Paraguai e ligadas à luta pelo voto e por outros direitos: Centro Feminista Paraguayo (1929), Asociación Feminista (1936), União Feminista del Paraguay, Centro Cívico de Mujeres. Nas décadas de 1940-1960 destacam-se: Consejo de Mujeres de la República del Paraguay, Asociación Feminista del Paraguay, Unión de Democrática de Mujeres, Liga Pro-Derechos de la Mujer (Corvalán, 1986, p. 105-106; Bareiro; Soto; Monte, 1993, p. 209-222).

[7] O *Livro de Ouro* é resultado das Assembleias do Bello Sexo Nacional, organizadas por mulheres da elite de Assunção em fevereiro de 1867. A historiadora Ana Barreto Valinotti afirma que, ao longo de todo o período da guerra, mulheres e homens entregaram o que possuíam – desde escravos, galinhas, doces, até armas. Nesse sentido, o *Livro de Ouro* se destaca como um marco significativo, funcionando como registro tanto do nome das/os doadoras/es quanto dos bens oferecidos. Segundo Valinotti, esse livro foi levado por Elisa Lynch ao deixar o Paraguai, tendo como destino o Rio de Janeiro (2011, p. 360-361).

[8] No ano de 1974, um projeto impulsionado pela historiadora Idália Flores Zarza e apresentado pela deputada Carmen de Lara Castro foi aprovado, instituindo o *Dia de la Mujer Paraguaya*. A data de 24 de fevereiro buscava homenagear as mulheres que, durante a Guerra Contra a Tríplice Aliança, supostamente teriam doado joias para custear o conflito. Sobre esse assunto, no período foram realizadas várias discussões acerca de qual "mulher" deveriam homenagear, a *reconstructora* ou a *residenta*, na aprovação do projeto estava em jogo as representações destas personagens associadas aos partidos políticos. Anos antes, em 1971, havia sido aprovada a Lei nº 213, também de proposta por Carmen de Lara Castro, que permitiu a construção do monumento *La Residenta*, espaço de memória sobre a guerra que destaca a figura da mulher e da criança como sobreviventes da guerra (Silva, 2016, p. 122-132).

[9] O termo "ditadura conservadora", aqui aplicado ao regime de Alfredo Stroessner (1954-1989), enfatiza seu caráter de preservação de estruturas políticas, sociais, culturais de gênero e econômicas tradicionais, com base em uma aliança sólida entre setores das elites latifundiárias, do Partido Colorado, das Forças Armadas, da Igreja Católica e apoio dos Estados Unidos. Esse conservadorismo sustentava-se em três pilares: a defesa de uma ordem social hierárquica, rejeição a reformas políticas e sociais (apesar da fachada democrática das eleições a partir de 1963) e o uso do anticomunismo como instrumento central de legitimação da repressão. Os trabalhos de Lorena Soler, Diego Abente Brun e Benjamin Arditi são importantes para entender, entre outros explorações, como o discurso anticomunista foi apropriado para sufocar parte da oposição mais radical (mesmo havendo opositores políticos vivendo no país) e manter-se no poder durante longos anos, reforçando um projeto de Estado de cunho conservador e moralista. Ressaltamos que a longevidade desse regime não surgiu do nada: ditaduras anteriores, o contexto da Guerra Fria, e conflitos políticos e sociais que o país passava nacionalmente remetiam a pelo menos à Guerra do Chaco em 1932-1935. Neste artigo, destacamos sobretudo sua característica de reforçar estruturas de gênero. Para uma análise aprofundada do stronismo, ver Abente Brun (2014), Arditi (1992) e Soler (2014).

[10] O *Suplemento Antropológico* (1965) e a *Revista Estudios Paraguayos* (1973).

[11] É importante fazer uma ressalva sobre o CEPEM, que participou ativamente da organização de um movimento contrário ao Código Civil de 1985, por conter diversas discriminações contra as mulheres. Utilizando a ratificação da CEDAW pelo Paraguai, o grupo promoveu eventos de debate sobre a temática e a apresentou, em conjunto com outros grupos de mulheres, um contra projeto de lei (1987). Sobre esse tema, há registros nas revistas feministas que emergiram em núcleos de investigação sobre mulheres e gênero (Silva, 2023)

[12] Ao longo dos 33 números da revista, percebemos que não só o feminismo era mal-recebido por parte da sociedade, como também havia enfrentamentos com setores da Igreja e movimentos sociais. Essa constatação não é uma surpresa, considerando que a história dos feminismos é marcada por disputas (Alvarez, 2014; Pedro, 2010). Além dos já conhecidos antifeminismos que rodeiam o movimento desde seus primórdios, as pesquisadoras do GEMPA tiveram que desenvolver estratégias de defesa de sua postura feminista, que muitas vezes foi expressa em traduções de textos que abordavam o tema, escritos em outros países ou reproduções de revistas latinas e de jornais nacionais (Silva, 2023).

[13] No ano de 1995 foi lançado o documentário *Alquimistas: histórias de las mujeres en Paraguay*, com aproximadamente 26 minutos, produzido pelo CDE e a ONG “Decidamos”, com o apoio financeiro de Fondos Canadá e Diakonía. É possível assisti-lo no YouTube: “Alquimistas: Historia de las Mujeres en Paraguay”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XqgvA0XlUvg

[14] As autoras do livro e participantes do evento são: Lea Fletcher, María del Carmen Pompa, Mary Monte, María Fernanda Bicalho, Yolanda Marco, Graciela Sapriza, Cecilia Salinas, Albertina de Oliveira Costa, Margaríta Elías, Milda Rivarola, José Carlos Rodríguez, Clyde Soto, Marta Mora, Ana María Portugal e Line Bareiro.

[15] Essa informação pode ser verificada em levantamentos de ONGs publicados na da *Informativo Mujer* (na década de 1990) e o *direccionário* de organizações no site institucional do CDE. Disponível em : https://www.cde.org.py/direccionario/.

Recebido 11/03/2025
Aprovado 02/09/2025